



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE CASTANHAL
FACULDADE DE PEDAGOGIA**

ROSILENE TRINDADE LOPES

**NARRATIVAS DE VIDA E EDUCAÇÃO DE MULHERES QUILOMBOLAS DA
COMUNIDADE DE PIRUCAUA**

CASTANHAL - PARÁ

2022

ROSILENE TRINDADE LOPES

**NARRATIVAS DE VIDA E EDUCAÇÃO DE MULHERES QUILOMBOLAS DA
COMUNIDADE DE PIRUCAUA**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Universidade Federal do Pará – UFPA, como requisito parcial para a obtenção do Grau de Licenciado Pleno em Pedagogia.
Orientador (a): Professor Dr. Assunção Jose Pureza Amaral.

CASTANHAL - PARÁ

2022

RESUMO

O artigo intitulado “Narrativas de vida e educação de mulheres quilombolas da Comunidade de Pirucaua”, tem como objetivo, analisar as contribuições dos conhecimentos empíricos em uma perspectiva educacional. Tem como problema de pesquisa, é, pois, não existe trabalho acadêmico que aborde a história de vida das mulheres quilombolas que resistem as interferências e ameaças sofridas. Metodologicamente, apresenta a narrativa sobre as histórias de vida de mulheres quilombolas da comunidade de Pirucaua, situada no município de São Miguel do Guamá-PA. Se utilizou a técnica de entrevistas individuais gravadas com cinco mulheres como colaboradoras, apresenta argumentos teóricos que sustentam tais perspectivas, através de estudo bibliográfico, de natureza qualitativa; apresentando alguns resultados. Se abordou os autores: Amaral (2008/2009); Cordeiro & Amaral (2013/2020/2021/2022); Freire (1981), Gomes (1996), Gonzalez (2020), Medeiros (2013), Quinteiro (2018) e outros. Os resultados e discussões apontam a relevância do narrar conhecimentos, histórias e aspectos da vida de mulheres negras em um quilombo que prima fortalecer os laços e vínculos de parentesco, sua ancestralidade, vivências, desejos e também, de aprofundar os conhecimentos quanto as ervas, rezas, artesanatos, banhos, remédios, danças em seus relatos ainda que empíricos. Considera-se que a pesquisa contribui com o quilombo e os remanescentes, principalmente por ser um documento de primeira mão ao dar vez e voz as histórias ao reaver e utilizar saberes, culturas, lutas, desafios e conquistas em um espaço seja político, estudantil, trabalhista onde impera o patriarcalismo. Por fim, ser construído ‘na’ e ‘pela’ comunidade para validar-se como um documento inicial para futuros contextos.

PALAVRAS-CHAVE: Educação, mulheres quilombolas, vivências.

ABSTRACT

The article entitled “Narratives of life and education of quilombola women from the Pirucaua Community”, aims to analyze the contributions of empirical knowledge from an educational perspective. Its research problem is because there is no academic work that addresses the life history of quilombola women who resist the interference and threats suffered. Methodologically, it presents the narrative about the life stories of quilombola women from the community of Pirucaua, located in the municipality of São Miguel do Guamá-PA. It used the technique of individual interviews recorded with five women as collaborators, it presents theoretical arguments that support such perspectives, through a bibliographical study, of a qualitative nature; presenting some results. The authors were approached: Amaral (2008/2009); Cordeiro & Amaral (2013/2020/2021/2022); Freire (1981), Gomes (1996), Gonzalez (2020), Medeiros (2013), Quinteiro (2018) and others. The results and discussions point to the relevance of narrating knowledge, stories and aspects of the life of black women in a quilombo that strives to strengthen kinship ties and bonds, their ancestry, experiences, desires and also to deepen their knowledge about herbs, prayers, handicrafts, baths, medicines, dances in their reports, even if empirical. It is considered that the research contributes to the quilombo and the remnants, mainly because it is a first-hand document by giving voice to the stories by recovering and using knowledge, cultures, struggles, challenges and achievements in a space that is political, student, where patriarchy prevails. Finally, to be built 'in' and 'by' the community to validate itself as an initial document for future contexts.

KEY WORDS: Education, quilombola women, experiences.

NARRATIVAS DE VIDA E EDUCAÇÃO DE MULHERES QUILOMBOLAS DA COMUNIDADE DE PIRUCAUA

Rosilene Trindade Lopes¹
Assunção José Pureza Amaral²

INTRODUÇÃO

Este trabalho apresenta e discute “Trajetória de vida e educação de mulheres quilombolas da Comunidade de Pirucaua”, localizada em região fronteiriçssima do município de São Miguel do Guamá, no Nordeste do Pará; tem como principal objetivo analisar as contribuições dos conhecimentos empíricos em uma perspectiva educacional.

Para Medeiros (2013, p. 3) “as histórias de vida permitem explicitar em sua totalidade, a singularidade do ser e com ela perceber o universal que se encontra e constitui o homem, articulando espaços, tempos e diferentes dimensões da vida e de nós mesmos”.

A escolha do tema e lócus dessa pesquisa tem a ver com os laços de parentesco da autora, sua ancestralidade, vivências de estágios e o desejo de aprofundar os conhecimentos e registrar as histórias das mulheres de sua região, onde ainda reside toda a sua família e mantém um vínculo muito forte com a mesma. Bem como, construir pela primeira vez um documentário narrado com as singularidades do quilombo pelas mulheres quilombolas para ser preservado às próximas gerações e ao público em geral.

Por conta disso, aponta-se como problema de pesquisa a inexistência de trabalhos acadêmicos que dê voz a presença e trajetória das mulheres quilombolas sob a perspectiva educacional na Comunidade de Pirucaua, e ainda destaque o saber, cultura, a crença, os valores tradicionais, o conhecimento empírico, o uso da medicina tradicional e o papel que essas

¹ LOPES, Rosilene Trindade. **Narrativa de Vida e Educação de Mulheres Quilombolas da Comunidade de Pirucaua**. Licenciatura em Pedagogia pela UFPA. 2022. A autora desta presente produção tem suas origens no município de São Miguel do Guamá-Pa, precisamente na Comunidade de Pirucaua onde foi realizado a pesquisa sobre a vivência de mulheres quilombolas e a educação. Esta experiência despertou o interesse em aprofundar seus conhecimentos a cerca dessa temática e envolver sua escrevivência neste final de Curso.

² AMARAL, Assunção J. P. (Orien). **Narrativa de Vida e Educação de Mulheres Quilombolas da Comunidade de Pirucaua**. Doutor em Ciência: Desenvolvimento Socioambiental - NAEAUFPA-Universidade Federal do Pará; Mestre em Planejamento do Desenvolvimento - NAEA-UFPA; Especialista em Educação e Problemas Regionais ICED/UFPA; Bacharel e Licenciado em Ciências Sociais; Professor Associado da UFPA; colaborador eventual do Programa de Pós-graduação em Estudos Antrópicos na Amazônia – PPGEEA-UFPA; Coordenador do atual Programa de Extensão e Pesquisa Universidade no Quilombo; do GESCED; do NEAB/UFPA-Castanhal; Vice Coordenador da Casa Brasil África, da Pró-Reitoria de Relações Internacionais - PROINTER, da Universidade Federal do Pará.

mulheres guerreiras que resistem incessantemente as interferências e ameaças sofridas no quilombo desempenham na comunidade e contribuem na transmissão desses conhecimentos.

Dentre os procedimentos metodológicos adotados, a construção acadêmica apresenta narrativas sobre as histórias de vida de mulheres quilombolas da comunidade de Pirucaua, situada no município de São Miguel do Guamá-PA, utilizando a técnica de entrevistas individuais gravadas com (cinco) cinco mulheres que participaram como colaboradoras onde oferecem argumentos teóricos que sustentam tais perspectivas, através de um estudo bibliográfico, de natureza qualitativa.

Por falar em pesquisa bibliográfica, ela é para Gil (2010, p. 124) “elaborada a partir de material já publicado, constituído principalmente de livros, artigos de periódicos e atualmente com material disponibilizado na Internet”.

A pesquisa foi qualitativa, Lüdke e André (2003, p. 18) em que a forma de investigação “é rica em dados descritivos, é aberta e flexível e foca a realidade de forma complexa e contextualizada”. Ela volta-se para a compreensão dos significados das ações nos contexto das mulheres do quilombo de Pirucaua. A prioridade dada à escolha da análise qualitativa deve-se ao fato de nesta pesquisa, ter sido privilegiada a palavra expressa oralmente, especialmente a das (cinco) 5 mulheres moradoras do quilombo.

As colaboradoras desta pesquisa foram (cinco) 5 mulheres moradoras do quilombo, sendo (duas) 2 estudantes da EJA, (duas) 2 idosas semianalfabetas e (uma) 1 universitária; com faixa etária entre (vinte e sete) 27 anos a (setenta e um) 71 anos com uma carga considerável de conhecimentos tradicionais.

No intuito de alcançar os objetivos traçados na introdução deste estudo, se usou como instrumento um roteiro de entrevista, o qual foi direcionado às (cinco) 5 mulheres moradoras do quilombo, a saber: Por que você recebeu esse nome? Compartilhe suas recordações da infância? Onde você frequentou a escola e como era? Você tem filhos? Quantos? Conte sobre você? Já sofreu algum tipo de preconceito ou discriminação? Quais desafios e problemas você teve que enfrentar em sua vida? Como você descreve sua personalidade? Você tem algum talento, dom ou sonho? Como é sua relação no Quilombo? Se você pudesse voltar no tempo o que mudaria? Tais perguntas constam no (APENDICE B).

O tratamento dos dados se deu de forma qualitativa, o que segundo Lüdke (2003. p. 45), considera evidências múltiplas obtidas durante a pesquisa, ou seja, os relatos, as transcrições de respostas e demais informações disponíveis e analisadas.

A análise dos dados são as descobertas, o relato e as narrativas das muitas informações que constam do conhecimento das entrevistadas. Todavia, essas informações muito nos

interessam e nos incomodam, por vermos que as riquezas das narrativas podem fazer parte das questões educacionais do quilombo.

O texto está organizado em duas seções: na primeira uma breve apresentação do lócus dessa pesquisa, ressaltando a origem do quilombo e sua historicidade, onde o foco é apresentar o lugar e suas especificidades; na segunda seção apresenta-se a narrativa de vida de mulheres quilombolas junto à educação, suas lutas, dificuldades, identidade, resistências, saberes não formais, o reconhecer-se, e as conquistas enquanto mulheres negras.

Os relatos/resultados desta pesquisa têm grande relevância social e acadêmica, visto que a escolha do lócus da pesquisa tem a ver com os laços de parentesco da autora, sua ancestralidade, vivências de estágios e o desejo de aprofundar os conhecimentos, e registrar as histórias das mulheres de sua região, onde ainda reside toda a sua família e mantem um vínculo muito forte com a mesma.

Assim, ao iniciar esse estudo, nossa visão é de que há necessidade de se registrar as experiências de vida dos quilombolas, mas a pesquisa mostra o quão importante e potencial tem a narrativa, pois influência de maneira positiva e decisiva no comportamento e educação das pessoas do quilombo. Nesse sentido, é importante dizer que o saber popular advém das experiências de vida, diferente dos conhecimentos científicos que é um estudo mais minucioso onde busca sempre explicações plausíveis, ajuda a ter uma compreensão mais alargada sobre o assunto, para se ter mais civilidade, empatia e tolerância à cultura e saberes do outro.

Ressalta-se que nosso estudo buscou entrelaçar a teoria as narrativas dentro de todos os contextos até aqui pesquisado. No entanto, sabe-se que muito ainda há para ser estudado e melhorado no âmbito quilombola de Pirucaua. Principalmente, a conscientização de que não podemos deixar apagar a cultura e os saberes de nosso povo.

Nesse contexto, com o auxílio das mulheres entrevistadas, elenca-se várias narrativas possíveis de serem utilizadas como: o uso dos recursos naturais para a saúde; o artesanato; a religiosidade; a educação das famílias; a cultura, que pode ficar à disposição dos interessados no estudo, bem como podem servir como atividades escolares para ampliar o conhecimento dos educandos locais e contribuir para um melhor desenvolvimento das pessoas de Pirucaua.

Enfim, espera-se que a pesquisa contribua com o quilombo e os remanescentes de lá, principalmente no que diz respeito ao reaver e utilizar seus saberes, sua cultura, sua ancestralidade e outros aspectos que podem ser socializados posteriormente na comunidade para subsidiar um documento inicial para o local.

de suas comunidades remanescentes de quilombo onde busca afirmação de sua identidade, do lugar onde vivem e das práticas que exercem.

Pirucaua é constituído por (dezesesseis) 16 famílias, sendo uma pequena parte ribeirinha e as demais do “centro” área que fica quilômetros afastada das margens do rio. A comunidade é cercada por fazendas formando uma ilha, sem estradas vicinais sendo utilizado apenas caminhos estreitos, onde pode circular moto, bicicletas, tornando-a praticamente isolada e com difícil acesso. Nesse sentido, é um lugar que não se difere de outros territórios que busca resistir as interferências e ameaças sofridas.

O Pirucaua até por volta de 1984 era apropriação de um senhor chamado Hilário Barroso um comerciante em toda a região de Canta Galo, mas que morava em Belém do Pará, era o “senhor de engenho” da região. A forma como este senhor tomou posse de todo território incluindo o Pirucaua foi por meio de endividamento dos moradores que compravam mercadorias no comércio desse senhor e sem poder pagar tais dívidas tinham seus terrenos tomado como forma de pagamento fazendo-os trabalharem de forma escravista.

Esses comportamentos demonstram a forma como os negros eram tratados por volta de 1984, não tão longe no tempo, mas ainda assim a crueldade foi vivida pelos quilombos tirando-lhes o direito de suas terras.

Vale lembrar que, em diversos momentos de resistência, vitórias e derrotas ainda eram submetidos a questões desumanas e contra a sua vontade. Amaral (2008, p.90) relata a que condições os escravos eram submetidos ao serem trazidos para o Brasil:

Ao chegarem ao continente, os europeus estabeleciam trocas, por exemplo, de manufatura (produtos de origem da América e das Antilhas) por homens escravizados. Os negros eram transportados para as diversas localidades da América do Norte, América Central e América do Sul, como as regiões norte, nordeste e sudeste do Brasil, onde se inicia uma nova etapa e uma nova história para esses africanos e seus descendentes.

O autor coloca o que os africanos passavam por diferentes momentos de atrocidade, e ainda percebe-se muitas distorções, contudo as comunidades quilombolas lutam e resistem a várias situações e aqui permanecem como as mulheres quilombolas da comunidade de Pirucaua que, vão vivendo ao longo dois tempos e construindo sua história. A isso, pode-se apontar o que Amaral (2008) explica em sua obra “Da senzala ao quilombo: práticas educativas e uso de recursos naturais entre os quilombolas do médio Amazonas (2008) ao afirmar que:

Da África aos quilombos, os negros construíram a sociedade brasileira. Viver, resistir, aprender, lutar, negociar, fugir, construir a liberdade exigiam aprendizagem; os quilombolas são resultados dessa longa construção. É neste processo, encontro e

internalização de conhecimentos que se configura o habitus e que se expressa em práticas, neste caso nas práticas educativas voltadas ao uso de recursos do território quilombola amazônico (AMARAL, 2008, p. 108).

Percebe-se na colocação de Amaral que a permanência dos quilombos em um determinado local, denota a sua história e suas práticas que são imensuráveis.

Ainda destaca Amaral, citando Dias que:

A introdução de mão-de-obra africana no Estado do Grão-Pará e Maranhão era a razão principal da existência da Companhia. O tráfico de escravos seria encarado pela empresa pombalina como um negócio vital, porquanto, suposta a liberdade do índio, seriam os negros africanos que cultivariam os gêneros tropicais que os navios da sociedade mercantil haviam de transportar de São Luís e de Belém para Lisboa (DIAS, 1970 apud AMARAL, 2008, p. 96).

Percebe-se na argumentação do autor a forte e importante presença da comercialização e mercantilização de São Luís e de Belém para Lisboa, o que lhe deu grande poder econômico.

Ao retomar o contexto histórico do quilombo de Pirucaua, a entrevistada Maria das Graças, relata que em 1964 chega em Pirucaua o senhor Alcimar Tavares com toda a sua família, a esposa e seus 4 filhos para trabalharem como caseiros, sendo uns dos primeiros moradores do quilombo, uma família de analfabetos que estavam em busca de trabalho e lugar para morar. O trabalho desenvolvido pela família era o cultivo da terra e a retida do látex no seringal existente na época (Maria das Graças, 2022).

Esta família passou a trabalhar na agricultura para seu sustento, após o encerramento do trabalho no seringal e sem muita opção de estudo apenas as duas filhas de Alcimar Tavares aprenderam a ler e escrever, pois o mesmo pagava uma professora particular para ensiná-las nesse período não tinha escolas por perto, somente na cidade. Com o passar dos anos seus filhos formaram família e continuaram no quilombo provendo seu sustento da terra.

Diante da colocação, Amaral (2009) nos esclarece que:

No passado, cada comunidade negra, cada quilombo ou mocambo, no seu espaço social e território, desenvolveu sua forma particular de viver a liberdade, suas práticas educativas, de lutar contra as condições materiais e simbólicas anteriores. Em alguns deles, os quilombolas praticavam agricultura, produziam alimentos; em outros, criaram pequenas oficinas para a fabricação de roupas, móveis ou instrumentos de trabalhos; em outros viviam da extração de recursos naturais e florestais, usavam os recursos oferecidos pelos rios e matas (AMARAL, 2009, p. 184).

Amaral relata a situação com que os negros se encontravam no passado e isso se presencia no quilombo de Pirucaua, onde as famílias se organizavam para dar conta do sustento dos seus e com isso, novas práticas foram surgindo em busca de se firmarem nos quilombos.

Ainda informa-se que com mais de 20 anos morando em Pirucaua e o dono já falecido e nenhum dos familiares de seu Hilário Barroso fizeram questão da terra, pois os mesmos não tinham comprovação de serem os donos do território pela forma de apropriação e seu Alcimar passou a morar definitivamente em Pirucaua como um dos proprietário. Sua família deu entrada na receita federal e no cartório para autenticação, desde então passaram a morar legalmente em Pirucaua onde ainda reside filhos, netos, tataranetos.

A comunidade ainda não tem escola, nem posto médico, conta apenas com uma agente de saúde (ACS) recente. Antes os tratamentos de alguma situação de doença que não precisavam ser hospitalizados eram cuidados somente com as plantas e ervas, cultivadas na comunidade, como: Capim-santo (*Cymbopogon citratus*), Erva-cidreira (*Melissa officinalis*) Goiabeira (*Psidium guajava*), Canela (*Cinnamomum*), anador (*Justicia pectoralis*), dipirona (*Achillea millefolium*), Eucalipto (*Eucalyptus globulus* Labill), Laranja da terra (*Citrus aurantium*), Macerla do Campo (*Achyrocline satureioides*), Arruda (*Ruta graveolens*) Babosa (*Aloe vera*), Beldroega (*Portulaca oleracea*), Boldo (*Plectranthus barbatus*), Gengibre (*Zingiber officinale*), Hortelã (*Mentha spicata*), Manjerição (*Ocimum minimum*), Caatinga de mulata (*Tanacetum vulgare*), Mastruz (*Dysphania ambrosioides*). Atualmente é muito utilizado o uso das ervas e plantas medicinais.

O acesso as cidades mais próximas eram muito mais difíceis, então as mulheres grávidas no quilombo que entravam em trabalho de parto eram atendidas por parteira (profissional que presta assistência ao parto domiciliar baseada em práticas tradicionais) de outra comunidade, pois na comunidade não tinha parteiras, somente as puxadeiras (profissional que faz a massagem abdominal em gestantes para aliviar algum tipo de incomodo, informar a posição do feto e muitas das vezes dar até uma previsão do parto). Hoje, não se usa essa prática de parto domiciliar, pois foi substituído pelo parto hospitalar, somente as puxadeiras e benzedadeiras são consultadas pela comunidade sendo uma prática de cuidado a saúde da mãe e do bebe.

As informações apresentadas acima fazem parte das Narrativas de vida e educação de mulheres quilombolas da Comunidade de Pirucaua, são de conteúdo original coletas por meio de entrevista através das memórias de dona Maria das Graças e Benedita Ferreira, as matriarcas da comunidade, seguindo uma ordem cronológica e fazendo assim um resgate das memórias. Memórias essas que são passadas oralmente de geração em geração e que pela primeira vez está sendo documentada e assim preservadas às próximas gerações e ao público em geral.

1.1. DESCRIÇÃO DA COMUNIDADE: tradições, identidade, cultura.

Uma das maiores características da comunidade são o uso dos recursos naturais para a saúde; cultivos agrícolas; extrativismo vegetal; o artesanato; histórias de encantados; a religiosidade; as casas de madeira; as paisagens; o uso de fogão a lenha pela maioria das famílias.

O catolicismo é forte na comunidade e é marcado com a tradicional visitação de Nossa Senhora de Fátima desde 1965, hoje sendo a padroeira da comunidade. A ladainha rezada ou cantada em latim em sua maioria nas vozes femininas. Essa tradição começou com a visitação de casas que eram feitas pelo grupo de foliões que andavam com o Divino (imagem 1 B).

O santo é coberto por fitas coloridas longas e curtas, assim os foliões com seus instrumentos como tambor, reco-reco faziam a cantoria em versos e rimas em louvor ao Divino. A devoção ao Divino é forte no quilombo então é muito comum famílias receberem a imagem do santo para cumprirem suas promessas por graças alcançadas (imagem 1 A).

IMAGEM A: Fé e manifestação religiosa



FONTE: Rosilene T. Lopes

IMAGEM B: Símbolo religioso



FONTE: Rosilene T. Lopes

Na comunidade possui 16 famílias, mais está em expansão, formada por um povo que vive de forma simples e boa parte de seu sustento provém da terra. A renda dessas famílias advém da roça e do extrativismo do açaí, além disso da criação de pequenos animais, como galinha caipira, porcos e o artesanato complementam a renda.

A produção da farinha de mandioca, o manejo e derruba do roçado ainda é de forma tradicional com o trabalho braçal, a produção de cunho familiar fica em torno de 120 kg (2 sacas de 60 kg) por quinzena. A safra do açaí acontece no período de março a setembro, é extraído em média 10 latas de açaí (5 sacos) por semana.

A caça é uma das práticas na comunidade só para finalidade de consumo. É muito comum os seguintes frutos no quilombo: açai (*Euterpe oleracea*), castanha do Pará (*Bertholletia excelsa*), tucumã (*Astrocaryum aculeatum*), uxi (*Endopleura uchi*), bacaba (*Oenocarpus*), patauá (*Oenocarpus bataua*), piquiá (*Cayocar villosum*), inajá (*Attalea maripa*).

As ervas, sementes, óleos, folhas e cascas presentes no quilombo para uso medicinais são: casca de sucuba, cedro, óleo de andiroba, leite de amapá, semente de cumaru, folhas de japãna, a cabacina.

É tradicional na comunidade o banho de São João onde é usado as ervas, folhas e cascas, porém em âmbito doméstico. Todo ano no dia 24 de junho, algumas famílias acordam cedo, por volta das quatro horas da madrugada para tomar o banho antes do pôr do sol, e logo após apreciar a queima da fogueira, que é uma celebração que compõe a identidade do local.

Além disso, a maior representação do artesanato na comunidade são os tipitis, peneiras, rasas, e paneiros confeccionados com dois tipos de matéria prima, a fibra e o arumã, mas conhecido na comunidade como “guarumã” que é extraído da várzea, o povo do quilombo vive uma boa relação e respeito com a natureza.

A educação básica é garantida pelas escolas localizadas em comunidades mais afastadas fora do território quilombola, a mais próxima fica cerca de 800 metros que oferece ensino de 1º ano ao 5º ano, do 6º ao 9º é oferecida por uma única escola que fica há 11 km da comunidade, o ensino médio só é possível ter acesso se deslocar-se para a cidade do município de Inhangapi que fica há 35 quilômetros da comunidade.

1.2. AS CONTRIBUIÇÕES DA EDUCAÇÃO NÃO FORMAL PARA O QUILOMBO

Para Quinteiro e Fonseca (2018) “o saber tradicional pode ser observado como aquele oriundo das comunidades tradicionais – grupos indígenas, quilombolas, caiçaras, ribeirinhos, extrativistas, etc”.

Partindo desse pressuposto, o saber popular que advém dos conhecimentos práticos, das experiências coletivas ou individuais do sujeito que, geralmente se estabelecem oralmente entre os integrantes de um grupo determinado e transcendem gerações.

Grupo esse que utilizam seus conhecimentos para o trabalho com os recursos naturais no extrativismo, plantios como fonte econômica de forma a proteger os seus meios de vida e cultura assegurando o uso sustentável.

Como previsto na Lei 11.428/2006, a Lei da Mata Atlântica que apresenta:

A Lei 11.428/2006 - Lei da Mata Atlântica define população tradicional como “população vivendo em estreita relação com o ambiente natural, dependendo de seus recursos naturais para a sua reprodução sociocultural, por meio de atividades de baixo impacto ambiental” (art. 3º, inc. II).

Os saberes tradicionais presentes no quilombo de Pirucaua, muitos deles repassados de geração em geração com a participação efetiva das mulheres com seus conhecimentos sobre as ervas, rezas, artesanatos, banhos, remédios, danças. Sendo assim, é uma educação muito significativa onde os conhecimentos são transmitidos de forma informal, ajuda a reforçar e manter a cultura, ancestralidade, a construção da identidade coletiva de seu povo.

2. O PAPEL DAS MULHERES NA COMUNIDADE

Em um sistema social marcado pelo patriarcalismo, as mulheres são as mais prejudicadas, pois além de sofrerem com o preconceito, o machismo, discriminações raciais e ainda a desigualdade sexual que está culturalmente impregnado. A figura feminina é associada a uma ideia de fragilidade, de dependência a figura masculina limitando-a a servir o marido e os filhos, aos serviços domésticos ou do campo, realidade essa que não deixa de se aplicar ao quilombo.

As mulheres desempenham um papel importante na comunidade, elas são as principais artesãs, detentoras dos saberes tradicionais, das comidas típicas, das rezas que perpetuam a tradição religiosa, criação dos filhos, da medicina natural e companheiras do trabalho agrícola. Sendo poucas delas ocupando outros espaços fora os domésticos ou do campo.

Nesse sentido, é importante o que diz Amaral (2008) com relação a conquista dos direitos pelos quilombolas hoje, pois o autor assim conta que, os cidadãos que lá pertencem, tem seus direitos resguardados por Leis de reparação e ações afirmativas conquistadas através das lutas dos movimentos sociais negros, e organizações políticas e sociais internas; a conquista e o direito à terra através dos títulos expedidos pela Fundação Palmares; a identidade, que em muitas comunidades estavam adormecida, atualmente tem buscado reavivá-las através do despertar da consciência, de se reconhecer como construtor de sua própria história.

Por conta disso, acredita-se que muitos desafios, obstáculos e impedimentos já passaram, contudo, já podem respaldar-se através da Lei em busca de seus direitos.

Prosseguindo, destaca-se que há apenas três mulheres na comunidade em formação a nível superior, todas elas foram aprovadas pelo processo seletivo especial para quilombolas e

indígenas, estão cursando pedagogia, letras em língua portuguesa e matemática com o intuito de trazer desenvolvimento para o quilombo e sendo uma forma de incentivo e empoderamento para outras e os demais da comunidade.

É importante esse destaque as três mulheres na comunidade com relação ao ensino, pois embora se veja essa ascensão delas, ainda é pouco, é preciso superar o que expõe Amaral (2008) onde a mulher negra segue invisibilizada e sem destaque, escondida por trás das paredes como cozinheiras, empregadas domésticas, camareiras, estoquistas entre outras atividades com baixo prestígio e remuneração.

Nessa concepção exposta pelo autor, essa realidade perdurou por muito tempo e a duras custas, hoje muitas mulheres negras continuam repassando seus saberes na culinária, nos remédios, em busca da “geração de renda a partir dos recursos naturais presentes nestas comunidades” (AMARAL, 2008); enquanto outras se desafiam mais e buscam se superar e ascender em diferentes atividades e até no grau de escolaridade.

Outro dado relevante é que o processo de organização nos quilombos se deu por homens e mulheres, embora elas pareçam ter um papel secundário na história. Em Pirucaua não é diferente, as mulheres são engajadas na organização da comunidade, na associação, no grupo de dança de carimbó, elas são vitais na comunidade.

É o que defende Gonzalez: “Enquanto escrava do eito, ninguém melhor do que a mulher para estimular seus companheiros para a fuga ou a revolta trabalhando de sol a sol, subalimentada [...]” (GONZALEZ, 2020, p 45).

Como retrata a autora, a mulher tem um papel forte frente as lutas, movimentos de resistência, protagonismo esse que gera mudança, revoluções. Hoje as reivindicações e mobilizações feministas, o alcance de conquistas de direitos, são frutos de trabalhos de mulheres.

Outros autores que falam sobre a o papel da mulher negra nas comunidades, é Raimundo Paulo Monteiro Cordeiro e Assunção e José Pureza Amaral, em um artigo intitulado “Tia Pê” (1915-1976): mulher, identidade negra e cultura do carimbó amazônico paraense na cidade de Vigia” (2022). Eles abordam-na como a última das Tias do Carimbó Vigieense, a senhora Francisca Lima do Espírito Santo, mais conhecida como Tia Pê (1915-1976), mulher negra, símbolo e identidade da cultura do carimbó amazônico paraense na cidade de Vigia, onde segundo os autores:

As Tias eram senhoras, na sua maioria negras, que faziam composições, dançavam, cantavam, possuíam grupos, terreiros, promoviam festividades religiosas com levantação e derrubação de mastros. O uso do termo “Tia”, de acordo com a memória

social, era porque havia o respeito com as pessoas mais “velhas” e, geralmente, essas Tias eram senhoras idosas e, com isso, as pessoas chamavam assim. (CORDEIRO & AMARAL, 2022. p. 2)

Essa referência a Tia Pê, mulher negra que foi referência no município e no estado do Pará com a sua forte manifestação da dança do carimbó, representou persistentemente a cultura africana na Amazônia com muita resistência em seu tempo. Assim, percebe-se a presença da mulher do quilombo de Pirucaua na atuação e construção do processo de organização no quilombo, seja até mesmo como um papel secundário na história, elas estão engajadas.

Nesse sentido, Cordeiro em sua obra Carimbó “pau e corda” (2020), trata as tias com muito respeito e afirma que:

A expressão merece destaque não apenas pela forma de respeito a essas senhoras, mas por imprimir um sentido mais profundo. Pois diz respeito ao mundo do trabalho das mulheres negras. “Tia” é equivalente ao mestre no mundo do trabalho masculino. Em diversos depoimentos, alguns de homens, ao relatarem sobre essas mulheres, as identificam como afrodescendentes que experimentavam e transitavam pelos mundos do trabalho, do lazer, das relações de gênero e religiosidade, com significativa presença das culturas e das tradições africanas na Amazônia. (CORDEIRO, 2020)

Essa colocação reforça o papel das mulheres negras que se destacam, seja na Comunidade quilombola de Pirucaua como na Cidade de Vigia, a arte foi bem representada por elas e passada a muitas gerações, embora segundo (AMARAL, 1994) “a partir de Tia Pê, de sua vida e de seu o engajamento na cultura do carimbó foram ocultadas pelos sistemas hegemônicos”. Assim, entende-se o que refletem os autores sobre essas tias:

A história nos mostra que mulheres negras nas Américas, na Amazônia, no Nordeste Paraense e, particularmente, na Cidade de Vigia, foram inviabilizadas pela epistemologia dominante. Ser mulher, negra, de periferia, portadora de culturas africanizadas, em territórios e em uma cidade amazônica no século passado, representava, ao mesmo tempo, somatórias de múltipla identidades, resistência e construção de formas de viver e sobreviver, mesmo diante de toda “herança da escravidão”, ao entrarem em embates políticos através dos atores sociais. É isso que a cultura do carimbó e a personalidade Tia Pê nos permite perceber e visualizar (CORDEIRO & AMARAL, 2022. p. 3).

Na colocação acima, percebe-se o significado de vida dessa ‘tias’ que escreveram sua história de vida manifestando os momentos mais relevantes e alegres da dança do carimbó onde as pessoas dançavam na casa ou no terreiro, e nisso transformaram os conhecimentos e experiências em cultura valorizando e preservando o carimbó, ainda que se sentissem colonizados e subalternas.

2.1. MULHERES NEGRAS QUILOMBOLAS: narrativas históricas, lutas e resistências em Pirucaua

Nesta seção, são apresentadas as entrevistas realizadas com (cinco) 5 mulheres do quilombo de Pirucaua, todas natural de São Miguel do Guamá-PA; é entrevista não-estruturada e individual com o objetivo de coletar informações não existentes em documentos.

Um roteiro com (treze) 13 perguntas abertas, estimulando a uma conversa informal deixando-as à vontade para falar, tendo como recursos um celular para gravação em áudio e registros fotográficos das entrevistadas.

As colaboradoras são mulheres: negras, jovens, idosas, mães, donas de casa, parceiras do trabalho familiar, (quatro) 4 delas com baixo nível de escolaridade (fundamental incompleto). Com base nos critérios éticos de pesquisa, todas as colaboradoras assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido autorizando o uso de imagens e informações. (Apêndice A)

A primeira entrevistada é Dona Maria das Graças, puxadeira de barriga de mulheres grávidas e conhecedoras das ervas medicinais.

Primeira Narrativa

Maria das Graças Almeida, 71 anos, viúva, mãe de (quatro) 4 filhos, avó, bisavó, moradora no quilombo há 68 anos.

IMAGEM C- Matriarca e ervas de quilombo



FONTE: Rosilene T. Lopes

IMAGEM D- Arte e Técnica de Puxação de barriga



FONTE: Rosilene T. Lopes

Eu estudei até a 2ª série, minha escola era um barracão de madeira, meu material escolar eram folhas com pautas dobradas ao meio que a mamãe costurava para fazer caderno, meu pai pagava uma professora para nos ensinar. Ela foi embora então parei de estudar... Tenho os conhecimentos sobre as ervas, uma senhora me ensinava como usar e eu aprendi a fazer os chás, os banhos para banhar a cabeça.... Minhas maiores lutas foram quando minha mãe e meu marido morreram tive que criar meus quattros

filhos sozinha sem pai, pois fiquei viúva aos 29 anos de idade. Eu gosto muito de cuidar das minhas plantas (imagem A). (Entrevista realizada por Rosilene Lopes com Maria das Graças no quilombo de Pirucaua, no dia 14/11/2022)

Essas falas carregadas de muita luta e sofrimento é de Dona Graça (Maria das Graças Almeida), assim chamada e conhecida na comunidade. É uma das mulheres mais velhas do quilombo, semianalfabeta, é uma das puxadeiras de mulheres grávidas (imagem D), mas devido sua idade e condicionamento físico já evita essa prática. É a ela recorrido quando se precisa de alguma planta para chás, banhos, óleo de andiroba e assim apresenta os seus conhecimentos sobre as ervas (imagem C) e outros.

Medeiros e Leandro (2013, p. 3) nos afirmam que:

“Concebemos os saberes da experiência como saberes fundantes, que se propagam e constroem-se mediante o cultivo constante do sentir, que utilizam a ação como aporte para efetivação, eles emergem no dia a dia, no pensar plural (relacionando o vivido e os sentidos, a criação, o fazer e o exercer frente à vida) e singular (buscando em cada instante, tentativas de crescimento, estas intrínsecas a si)”.

Medeiros e Leandro (2013) apontam que é através da prática no cotidiano, no saber fazer, na utilização do saber de forma profícua e útil, podendo contribuir significativamente na construção humana e do conhecimento; isso permite saber como está relaciona aos fatos de vida de Maria das Graças que propaga e constrói esses saberes na comunidade com sua vasta experiência de vida e prática com as ervas.

Segunda Narrativa

Dona Bené, assim chamada pelos conhecidos, é uma mulher guerreira, batalhadora, teve seus filhos em casa por auxílio de parteiras o que era típico daquela época no quilombo. Mora a mais de 34 anos no local.

IMAGEM E - Dona Bené

FONTE: Rosilene T. Lopes

Meu nome era para ser Pedrina, mas minha mãe fez uma promessa para São Benedito e assim ficou meu nome Benedita... A minha infância eu agradeço a minha mãe pela educação, pois se tinha mais respeito... nossos brinquedos eram assim, ouriço de castanha, boneca da espiga de milho, nesse tempo era difícil para os pais darem para um e faltar para o outro... No meu tempo para ir para a escola era remando e não tinha merenda eu levava um ovo para comer farofa, diferente de hoje que tem merenda, ônibus quase na porta de casa e como éramos só duas mulheres então nos levaram para estudar, foi então que meu pais me mandaram para uma casa de família trabalhar e estudar lavava desde banheiro à casa dos porcos ... Na escola eu era criticada pelo meu cabelo, minha cor, mas eu sou orgulhosa da cor que tenho, errada é quem fica criticando.... Essa criação que meus pais me deram eu achei até bom, pois eles nos ensinaram a plantar maniva, mexer farinha, pescar, de tudo um pouco... Me casei jovem e tive 9 filhos todos parto normal feitos por parteiras, naquele tempo a gente nem sabia o que era hospital o nosso pré-natal era Deus que hospital era difícil... Meu maior problema é com o fazendeiro que perturba (ameaças e tentativas de compra de parte do território do quilombo) ... Freqüento a igreja católica, gosto de dançar carimbó, ajudar as pessoas, tocar pandeiro, não gosto de ficar em casa, gosto é de ir pra roça... Se eu pudesse voltar no tempo e ser jovem eu saía e não perdia um movimento negro (Entrevista realizada por Rosilene Lopes com Benedita Ferreira no quilombo de Pirucaua, no dia 14/11/2022).

A fala de Dona Benedita nos apresenta um pouco de como o negro é tratado e visto na sociedade, reafirmado nas lembranças as situações de trabalho escravo e racismo vivenciados.

Gonzalez aponta que:

“Se a gente dá uma volta pelo tempo da escravidão, pode encontrar muita coisa interessante. Muita coisa que explica essa confusão toda que o branco faz com a gente porque a gente é preto. Pra gente que é preta então, nem se fala. Será que as avós da gente, as mucamas, fizeram alguma coisa pra eles tratarem a gente desse jeito?” (GONZALEZ, 2020, p. 71).

O negro foi imposto a uma situação de escravidão sendo assim uma atitude racista por parte do Europeu que criou várias atitudes desfavorável ao negro para a obtenção de lucro em cima mão de obra escravista e justifica-se.

Entende-se isso na colocação de (CORDEIRO & AMARAL, 2013; CORDEIRO & AMARAL, 2021) quando tratam a questão e assim expressam:

Coube à mulher negra desenvolver tais profissões – na roça (lavoura), tirar caranguejo e turu, lavadeira, engomadeira, cozinheiras, serviços domésticos, vendedora de doces em tabuleiro, de mingau, de açaí, etc, porém, não valorizadas como profissão, deixando-a na invisibilidade (CORDEIRO & AMARAL, 2013; CORDEIRO & AMARAL, 2021).

Essa afirmativa citada pelos autores demonstram perfeitamente a que as mulheres negras eram submetidas, inclusive segundo os autores “No centro da cidade de Vigia, principalmente nas sedes sociais em que a elite branca organizava as festas, não tocavam nem dançavam o carimbó, por ser considerada cultura do povo, de negro, e carregado de sensualidade” (CORDEIRO & AMARAL, 2022. p.5).

Pode-se afirmar ainda que o negro, hoje, ainda está em constante luta para viver com dignidade, equidade racial, livre de violências, discriminações como era antes da escravidão.

Em relação a essas questões, Amaral (2008, p.83) verbaliza que “os negros trouxeram suas culturas que sobreviveram, resistiram ou se fundiram, mas serviram como elemento de resistência contra sua opressão”.

Entende-se segundo a questão, que os negros sempre tiveram em posição desfavorável, contudo estavam sempre apostos para resistir pelo que lhe fosse apresentado.

Assim, diante de todos os percalços, resistiram à escravidão de todas as formas e buscaram libertar-se, e ao olharmos a vivência colocada por Dona Benedita ainda percebe-se que ela vive ainda permeada de ameaças, inclusive pela tentativas de compra de parte do território do quilombo pelo fazendeiro.

Terceira Narrativa

Raimunda Anunciada Tavares (Imagem F), 65 anos, casada, mãe de 7 filhos, é benzedeira de mau olhado, quebranto, enzipla (erisipela), cubrelo; cura garganta; puxa barriga de mulher grávida e rasgadura, foi quem propagou os conhecimentos sobre o artesanato na comunidade, dona Raimunda é uma professora da vida.

Para os mais íntimos é chamada de Dica, voltou a estudar aos 65 anos de idade.

IMAGEM F – Benzedeira Dona Dica - Raimunda Tavares

FONTE: Rosilene T. Lopes

O meu nome foi dado por ter nascido dia da Anunciação de Nossa Senhora da Anunciação, mas sofri preconceito com meu nome por ser Anunciada, me perguntavam o que eu ia anunciar? Aí, eu ficava com vergonha do meu nome. No meu tempo se tomava bença e existia muito respeito, em outro tempo bastava a mãe olhar para o filho e ele já sabia que ela não estava gostando... Em relação aos estudos, estudei porque meu pai pagou uma professora, pois não tinha escola perto nesse tempo... O momento mais difícil foi perder minha mãe aos oito anos de idade... fiz de tudo para os meus filhos serem educados, respeitarem as pessoas e tenho orgulho dos meus filhos por serem trabalhadores e respeitarem os mais velhos... Se eu pudesse voltar no tempo iria estudar para ser alguma coisa, pois eu tinha muita vontade de ser uma professora que eu acho bonito ver uma professora cheia de alunos na sala. Estudei até a 3ª série e voltei a estudar para melhorar a minha letra, hoje acho bonita a minha letra (Entrevista realizado por Rosilene com Raimunda Anunciada no quilombo de Pirucaua, no dia 14/11/2022).

A fala de Dona Raimunda expressa os fatos de sua vida, no orgulho que sente em relação a criação dada a seus filhos, pois mesmo sem ter tanto domínio da leitura das palavras e da escrita soube educá-los para a vida. Freire (1989, p. 09) em sua concepção, pontua que é preciso ter “leitura de mundo antes da leitura da palavra”, ou seja, que as realidades de vida são base para se construir o conhecimento.

Nessa perspectiva, vale ressaltar que o meio natural e cultural contribui muito para a socialização e novos conhecimentos de um indivíduo para interferir no seu modo de pensar e agir, para aprender a ler e ter compreensão do que se passa ao seu redor nessa interação homem e mundo.

Quarta Narrativa

Keila Nogueira da Trindade (imagem G), 47 anos, em união estável, mãe de 5 filhos, avó, a 4º filha de 11 irmãos, agricultora, estudante da turma da EJA, voltou a estudar aos 46

anos de idade, moradora no quilombo há 30 anos. Zeladora da capela na comunidade, faz parte da pastoral do dízimo.

IMAGEM G - Keila Trindade - zeladora da capela



Fonte: Rosilene T. Lopes

A minha infância não foi uma infância tão boa que nem eu vejo as de muitas adolescentes foi uma infância bem sofrida, nós não tinha brinquedos pra brincar, a gente nunca possuímos uma boneca, nem bola, aí nós se juntava pra brincar debaixo das árvores a gente não teve assim muita infância teve que trabalhar muito cedo pra ajudar no alimento de casa. Então trabalhava até umas horas e ia pra casa pra tomar banho e ir pra escola as nossas roupinhas eram toda remendada nos tinha vergonha, mas nossos pais mandavam a gente ir né! As vezes até a sandália era remendada ou virava outro lado (o solado) que já estava muito gastado de um lado pra gente poder ir pra escola... A nossa escola sempre foi igual um retiro (casa de farinha) um barracãozinho de madeira coberto de palha e nosso caderno o papai comprava uma folha e a mamãe dobrava no meio costurava pra nos estudar, não tinha cadeiras, aí nós deitava de peito no chão para apoiar o caderno, era uns 2 quilômetros que a gente andava pra chegar na escola, já chegava todos suados. Eu já sofri muito preconceito, eu tinha um primo que me chamava de preta, macaca, cabelo de palha de milho, de urubu, me apelidava... Uma mulher veio em casa e disse que ia me levar pra estudar e ajudar minha família, aí eu passei três anos com essa família eles disseram que iam mandar as coisas pra casa e nunca mandou nada, não me colocou pra estudar e quando eu comecei a entender que eu tava só trabalhando e não estava recebendo eu resolvi voltar pra casa, eu sai com 13 anos e voltei com 15 anos, eu me senti tipo explorada com essa situação. Quando eu voltei não dei mais continuidade nos meus estudos parei pra mim ajudar a minha família e com o passar dos anos eu formei família hoje tenho 5 filhos, moro no quilombo a cerca de 30 anos. ... Eu sonhava em ser professora ou dançarina, mas nenhum desses sonhos se realizaram ainda (Entrevista realizado por Rosilene com Keila do Socorro no quilombo de Pirucaua, no dia 28/11/2022).

Na fala de dona Keila, está explícito o quanto a mulher negra sofre a desvalorização em relação ao mercado de trabalho, o que lhe é proposto, e o que de fato acontece muitas vezes. Santos afirmar isso: “E à trabalhadora doméstica foi reservado o lugar da subalternidade, perpetuando uma lógica de servilismo no exercício do seu trabalho, sem perspectiva de

ascensão social, de baixa remuneração e prestígio e muitas vezes considerado degradante para o status social” (SANTOS, 2020, p. 03).

Santos (2020) destaca a forma como é vista o trabalho doméstico remontando a um período de escravidão. O trabalho em casa de família em sua maioria exercido por mulheres negras é um trabalho pautado na informalidade, por trocas de comida, casa e oportunidade de estudo. Um sistema escravocrata com base racista que permeia até os dias atuais, embora já se tenha conquistado muitos direitos raciais e trabalhistas.

Por falar no período da escravidão, reporta-se a Amaral & Cordeiro (2014, p. 68) onde falam das mulheres negras que mesmo nos trabalhos da informalidade “foram as guardiãs do patrimônio civilizatório e cultural africano na Amazônia e no Brasil sobre toda a opressão”.

Isso nos mostra que esses saberes culturais cortam diferentes lugares e aos poucos vão se formando e informando seu verdadeiro valor exercido.

Quinta Narrativa

Sebastiana Almeida, 27 anos, solteira, artesã, universitária cursando licenciatura em matemática, no 6º semestre, coreógrafa do grupo de carimbó do quilombo, coordenadora do grupo de jovens da igreja, quem reza a ladainha cantada.

IMAGEM H - Sebastiana Almeida: artesã, coreógrafa.



Fonte: Ysmaille Ferreira

Sou artesã na minha comunidade desde os 12 anos de idade, sempre trabalhei com artesanato para ajudar a minha família e também nos gastos pessoais, a maior parte da minha família sabe trabalhar com esse tipo de artesanato, então eu me interessei muito por realizar essa arte...eu aprendi a fazer tipiti com o meu pai, mas ele não tinha tanto tempo para me ensinar então eu fui e pedi para minha madrinha (Raimunda

Anunciada). No começo da faculdade era de onde eu tirava para pagar passagens, minhas apostilas, a merenda, então eu dependia muito desse trabalho, fazer tipiti, vender para ter o meu sustento... A minha infância foi maravilhosa, brinquei bastante, o meu quilombo me proporciona viver essa relação com a natureza no brincar, tomar banho de igarapé, subir nas árvores, comer as frutas fresquinhas, ouvir os sons dos passarinhos, apreciar a noite, o luar... e como nossos pais não tinham condições de comprar boneca, fazíamos boneca da bananeira, nossos pais derrubavam a bananeira para tirar o cacho de banana e cortávamos para fazer nossas bonecas, usávamos nossa criatividade para brincar, a gente tinha pouco mais íamos inventando, eram várias brincadeiras relacionadas a natureza. Quando adolescente no tempo de escola eu sofri muito preconceito por questão do meu cabelo as vezes eu chegava chorando, pois me jogavam carrapicho, chamavam de palha de aço, por isso o meu sonho era alisar o meu cabelo, mas a mamãe nunca deixou, se eu pudesse tinha alisado nesse tempo, mas o que mais me abalou foi quando eu passei para o ensino médio e fui estudar em outro município senti muita dificuldade em questão do ensino, pois me sentia atrasada em relação aos demais alunos e eles tiravam “sarro” com isso, foi um tempo bem complicado, pois tínhamos que passar por dentro de uma fazenda, disputando espaço com os bois, andar 3 quilômetros de casa para pegar o ônibus escolar e em tempo de chuva tinha que levar água para lavar os pés, trocar o uniforme na estrada e ainda sofrendo bullying por causa do meu cabelo. Um certo dia que fui de cabelo solto me falaram: isso é um cabelo ou uma vassoura? eu pensei em até não estudar mais. E ai participando mais de encontros, rodas de conversas de mulheres falando sobre empoderamento, da importância do cabelo, da identidade da gente, ai eu fui me libertando dessa ideia, já fui me aceitando como eu sou, o meu cabelo e hoje eu agradeço a minha mãe por não ter deixado eu alisá-lo. Na faculdade, eu sentia também preconceito por entrar por um processo seletivo especial e não é porque eu vim do interior, de um quilombo, de escola pública que vou deixar desmerecer os meus conhecimentos e habilidades... Recebi incentivo de minha colega de turma na faculdade que me dizia para eu não desanimar e que não abrisse mão daquele sonho de me tornar uma profissional e buscar uma condição financeira melhor. A Sebastiana é uma pessoa muito sensível, chorona, mas em sua sensibilidade é uma pessoa muito forte, que sabe suportar as tribulações com fé e confiança, que espera que o dia de amanhã seja melhor (Entrevista realizado por Rosilene Lopes com Sebastiana Almeida no quilombo de Pirucaua dia 08/12/2022).

Os espaços de formação acadêmica nunca foram pensados para o negro, os mesmos foram sendo conquistados através de muita luta. Na fala de Sebastiana, quando expressa o preconceito enfrentado em sua vida estudantil, percebe-se o reflexo dessa realidade e ocupar esses espaços deve ser com forma de resistência e ainda de poder reescrever uma nova história.

Como diz Gonzalez:

“Mas nem por isso vamos ficar passivamente calados assistindo à decadência desse império romano de hoje que é a chamada civilização ocidental. Afinal, somos os bárbaros que o derrubarão. Por isso, mesmo tendo que assumir nossos bárbaros valores, lutar por eles e anunciar uma nova era. Nova era de que somos os construtores” (GONZALEZ, 2020, p. 166).

Dessa forma, as mulheres entrevistadas expressam suas realidades marcadas por discriminações, preconceitos em suas trajetórias de vida que afeta diretamente em sua construção identitárias, étnico racial, como pensa e afirma Gomes: [...] se permitir viver o difícil

processo de reconstrução da identidade racial, visto que nós, negros, somos educados desde a infância para nos anularmos a fim de sermos aceitos pelo “outro” (GOMES, 1996, p. 80).

Percebe-se ainda que essas mulheres, e aqui no caso de Dona Sebastiana, não foi diferente, a opressão sofrida e a sensação de isolamento imposto mesmo que inconsciente, esta é, uma face implícita do racismo, do preconceito e os seus efeitos, que acontecem cotidianamente com crianças, adolescentes e adultos negros; sobretudo mulheres negras (AMARAL, 2008, p. 94).

Aqui está presente o quadro de como vivem e lutam para se reconstruírem e não deixarem que lhes anulem, mas que forme sua identidade superando as tribulações perpassadas na vida.

Vê-se também, uma grande concentração dessas mulheres do quilombo de Pirucaua no setor agrícola, sem muita opção de melhoria, reflexo de uma desigualdade racial enfrentada desde seus ancestrais escravizados.

CONSIDERAÇÕES

Este trabalho revela em seu estudo, que os conhecimentos tradicionais embora não sejam considerados como científicos, não são anulados para a sociedade tradicional, sendo de suma importância para o homem e mulher, pois é através do conhecimento empírico pautado no cotidiano e leitura da realidade que se constrói, desconstrói de forma cultural, identitárias, social e espiritual. Vale ressaltar que para as comunidades tradicionais manterem esses saberes vivos são considerados válidos e verdadeiros em suas vidas, sendo muito úteis a sobrevivência das pessoas para transmitir de geração em geração.

Afirma-se que em relação ao problema de pesquisa apontado, foi possível construir através das narrativas com um resgate através de um trabalho acadêmico com a temática do conhecimento das mulheres quilombolas de Pirucaua, quando da abordagem da história de vida delas onde falam de sua vivência, saberes, cultura local e outros contextos que lhes identificam e marcam sua resistência, interferência e ameaças sofridas.

Acredita-se ter alcançado o objetivo geral traçado no presente trabalho que é, analisar as contribuições dos conhecimentos empíricos em uma perspectiva educacional, pois as se declara a relevância de construir um conhecimento através da história oral que possa validar uma história de vida, saberes e decepções sofridas.

Nisso, as histórias de vida permitem fazer reflexões, análises a partir das experiências do outro, e quando se trata da história de mulheres negras as discussões se ampliam, pois esbarram em vários fatores como: desigualdades raciais, de gênero, salarial, preconceitos, violências vivendo uma luta constante por direitos, respeito, espaços, equidade, reconhecimento e liberdade.

Desse modo, este trabalho ainda tem muito para ser explorado, e se faz necessário inserir nas reflexões e discussões da comunidade o assunto, principalmente no que se refere a implementação do contexto no ensino das crianças de Pirucaua, pois é um resgate ao se ver na fala das entrevistadas fatos de sua ancestralidade, vivências de seus conhecimentos de vida registrados por mulheres que permanecem e mantem seus vínculos muito forte no quilombo com toda a sua família.

Por meio desta pesquisa, percebe-se a importância do assunto estudado, pois contribui ainda que com conhecimentos empíricos em uma perspectiva educacional para subsidiar e intermediar outros trabalhos acadêmicos, com argumentos teóricos que se utilizaram de narrativas que estão se formando pela primeira vez com o documentário do quilombo Pirucaua.

Portanto, aponta-se como proposição para serem implementadas para fortalecer, reafirmar a proposta de estudo, que se permaneça dando vez e voz a essas histórias de vida e saberes que contribuem nas rupturas sociais, na opressão à mulheres dando visibilidade as suas histórias de lutas, desafios e conquistas. Bem como ganhar espaço nas esferas políticas, estudantis, trabalhistas, etc, em uma sociedade marcada pelo patriarcalismo que a mulher é tão capaz quanto qualquer homem.

Também se propõe a continuação da pesquisa, onde se envolva uma pesquisa documental sobre as mulheres do quilombo da comunidade de Pirucaua, podendo fazer a busca em arquivos do município de São Miguel do Guamá para que se possa estruturar um aporte com mais fundamentos dessa vivência e valorização da cultura afro-brasileira no quilombo.

Enfim, sabe-se que não é fácil desenvolver um trabalho apenas com narrativas, com dados de primeira mão, mas com o exercício do construir vozes com persistência e dedicação foi possível chegar até aqui.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARAL, Assunção José Pureza. **Da senzala ao quilombo: práticas educativas e uso de recursos naturais entre os quilombolas do médio Amazonas - Pará / Assunção José Pureza Amaral; Orientadora Edna Maria Ramos de Castro.** – Belém-Pa: NAEA-UFGPA, 2008.

_____. **Remanescentes das comunidades dos quilombos no interior da Amazônia – conflitos, formas de organização e política de direita à diferença.** In: Cadernos do CEOM: Chapecó- SC: Argos, 2009.

BRASIL. **Lei nº 11.428, de 22 de dezembro de 2006.** Dispõe sobre a utilização e proteção da vegetação nativa do Bioma Mata Atlântica, e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_Ato2004-2006/2006/Lei/L11428.htm>. Acesso em: 21 dez. 2022.

CORDEIRO, Raimundo Paulo Monteiro; AMARAL, Assunção José Pureza. Entre homens e mulheres, escravizados e libertos, campo e cidade – eis as tias “negras” do carimbó na fronteira do saber na cidade da Vigia/PA. In: Revista Cadernos do CEOM/Unochapecó, Ano 25, n.37 – Fronteiras – Santa Catarina, 2013.

_____. Carimbó “pau e corda”. Antropização e Cultura Negra na Região do Salgado Paraense. Dissertação de mestrado em Estudos Antrópicos na Amazônia. UFPA (cidade de Castanhal), 2020.

CORDEIRO, Raimundo Paulo Monteiro; AMARAL, Assunção José Pureza. Herdeiras das tradições africanas: trabalho, cultura, lazer ontem e hoje na cidade de Vigia-Pa. In: Revista em favor. Revista Em favor das cotas. AC: UFAC, 2021.

CORDEIRO, Raimundo Paulo Monteiro; AMARAL, Assunção José Pureza. **Tia Pê (1915-1976): mulher, identidade negra e cultura do carimbó amazônico paraense na cidade de Vigia.** Gênero na Amazônia, Belém, n. 21, jan./jun., 2022 > SEÇÃO C: Relato de Pesquisa.

ENTREVISTA. Maria das Graças Almeida. 71 anos. 14/11/2022.

ENTREVISTA. Benedita Ferreira. 14/11/2022.

ENTREVISTA. Raimunda Anunciada Tavares. 65 anos. 14/11/2022.

ENTREVISTA. Keila do Socorro Nogueira da Trindade. 28/11/2022.

ENTREVISTA. Sebastiana Almeida. 27 anos. 08/12/2022).

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler.** 1ª edição, 1989.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010. 184p.

GOMES, Nilma Lino. **Educação, Raça e Gênero: Relações imersas na alteridade**, 1996.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogo**, 2020.

IBGE. **O município de São Miguel do Guamá**. Disponível em: <https://saomigueldoguama.pa.gov.br/o-municipio/sobre-o-municipio/>. Acesso em: 17/11/2022.

LÜDKE, M., & André, M. E. D. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. SP, SP: EPU, 2003.

MEDEIROS, Emerson Augusto de. **Histórias de vida e formação: trajetórias, experiências e reconstruções do ser no seu saber-fazer**, Ano II, n° 2, jun/nov 2013.

QUINTEIRO, M. M. C., and FONSECA, L.C. **Saberes tradicionais e o desafio da multiculturalidade nas instituições de ensino**. In: SANTOS, M.G., and QUINTERO, M., comps. *Saberes tradicionais e locais: reflexões etnobiológicas* [online]. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2018, pp. 148-167. ISBN: 978-85-7511-485-8.

SANTOS, Maria Heloísa Lima dos. **A representação da mulher negra no trabalho doméstico, Bahia**. 1595698682_ARQUIVO_a4913e40a10d3b. Disponível em: https://www.encontro2020.pe.anpuh.org/resources/anais/22/anpuh-pe-eeh2020/1595698682_ARQUIVO_a4913e40a10d3b45af77e125b1544143.pdf. Acesso em: 17/11/2022.

APENDICE -A- TERMO LIVRE DE CONSENTIMENTO



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE CASTANHAL
LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA
FACULDADE DE PEDAGOGIA**

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO-TCL

Estou realizando uma pesquisa de campo para subsidiar o meu Trabalho de Conclusão de Curso de pedagogia da Universidade Federal do Pará, Campus Castanhal que tem como tema: NARRATIVA DE VIDA E EDUCAÇÃO DE MULHERES QUILOMBOLAS DA COMUNIDADE DE PIRUCAUA no Município de São Miguel do Guamá-PA. O mesmo é orientado pelo professor Dr. Assunção José Pureza Amaral. Este trabalho tem como objetivo analisar as contribuições dos conhecimentos empíricos em uma perspectiva educacional, apresentando a narrativa sobre as histórias de vida de mulheres quilombolas. Para tanto gostaria de contar com a sua colaboração, respondendo a um roteiro de entrevista onde esclareço que sua participação é totalmente voluntária, podendo você desistir a qualquer momento, sem que isso ocorra qualquer ônus ou prejuízo a sua pessoa, que as informações serão utilizadas somente para os fins desta pesquisa e serão tratadas em absoluto sigilo e confidencialidade, de modo a preservar a sua identidade.

Eu _____ declaro ter sido informado sobre todos os procedimentos da pesquisa de campo acima citado da qual fui convidado a participar e aceito contribuir voluntariamente com essa pesquisa.

Por isso, assino este termo de consentimento livre que será assinado por mim e pelo professor.

Assinatura do participante

Assinatura do Pesquisador

Data: ____/____/____

APENDICE -B- ROTEIRO PARA ENTREVISTAS

ROTEIRO PARA ENTREVISTA COM MULHERES QUILOMBOLAS DE PIRUCAUA

Nome:.....

Idade:.....Cor:.....

Naturalidade:.....Escolaridade:.....

- 1 - Por que você recebeu esse nome?
- 2 - Compartilhe suas recordações da infância?
- 3 - Onde você frequentou a escola e como era?
- 4 - Você tem filhos? Quantos?
- 5 - Conte sobre você?
- 6 - Já sofreu algum tipo de preconceito ou discriminação?
- 7 - Quais desafios e problemas você teve que enfrentar em sua vida?
- 8 - Como você descreve sua personalidade?
- 9 - Você tem algum talento, dom ou sonho?
- 10 - Como é sua relação no Quilombo?
- 11 - Se você pudesse voltar no tempo o que mudaria?

APÊNDICE -C- IMAGENS DAS ENTREVISTAS

- 1- IMAGEM -A- Fé e manifestação religiosa.
- 2- IMAGEM - B- Símbolo religioso.
- 3- IMAGEM - C- Matriarca e ervas de quilombo.
- 4- IMAGEM -D- Arte e Técnica de Puxação de barriga.
- 5-IMAGEM -E- Dona Bené.
- 6- IMAGEM -F- Benzedeira Dona Dica - Raimunda Tavares.
- 7- IMAGEM -G- Keila Trindade - zeladora da capela.
- 8 – IMAGEM -H- Sebastiana Almeida: artesã, coreógrafa.